

Ricardo Salztrager
Do desamparo à fantasia efetiva*

A proposta do artigo é lançar alguns subsídios que auxiliem na circunscrição das funções desempenhadas pelas figuras do desamparo e da fantasia no processo de constituição subjetiva. Nesta perspectiva, a questão do advento do sujeito será pensada como uma operação eminentemente fantasmática, empreendida para fazer frente à condição de desamparo psíquico.

> Palavras-chave: Constituição subjetiva, fantasia, desamparo, singularidade, psicanálise

The purpose of this article is to provide a discussion of the functions carried out by the concepts of helplessness and fantasy in the process of the constitution of the subject. From this perspective, the advent of the subject is considered an eminently phantasmagoric operation developed in order to face the condition of psychic helplessness.

> *Key words: Subjective constitution, fantasy, helplessness, singularity, psychoanalysis*

A categoria de sujeito é entendida pela psicanálise de uma maneira bastante específica, se comparada à compreensão de outras ciências, tal como a filosofia. Com efeito, o pensamento freudiano caminhou rumo à desconstrução da concepção cartesiana de sujeito, instituindo uma modificação profun-

da na representação que se tinha, até então, do homem. Este corte foi marcado pelo deslocamento fundamental da consciência para o inconsciente, conforme a exposição do livro *A interpretação de sonhos* (Freud, 1900) de que as mais complexas operações de pensamento seriam possíveis sem a me-

*> O presente artigo foi fruto da pesquisa realizada na dissertação de Mestrado intitulada "Os paradoxos da fantasia" e defendida em setembro de 2002, bem como do Projeto de Tese de Doutorado intitulado "Os destinos da fantasia na contemporaneidade", a ser defendido em fevereiro de 2006. Ambas as pesquisas foram orientadas pela Dra. Regina Herzog. O endereço do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica é Av. Pasteur, 250/fundos – Campus Praia Vermelha. 22290-240 Rio de Janeiro, RJ.

dição necessária da consciência. Trata-se, segundo Freud (1917), do estabelecimento da "terceira ferida narcísica na história da humanidade": o sujeito é eminentemente clivado, sendo abolida a ilusão de completude egóica na medida em que o eu se encontra totalmente subordinado aos processos psíquicos inconscientes e ao imperativo das tendências pulsionais.

Além de fornecer os mais variados subsídios para uma análise topográfica, dinâmica e econômica do funcionamento psíquico, a metapsicologia freudiana também coloca à disposição alguns elementos que permitem a compreensão do processo de constituição subjetiva. Lacan, ao longo de seus escritos e seminários, aborda este tópico com profundidade, postulando que o sujeito advém a partir do Outro, dimensão referida à ordem simbólica, frente à qual o sujeito se encontra submetido (1956). Em termos freudianos, é lícito depreender tais considerações em ensaios como "Projeto para uma psicologia científica" (Freud, 1895) e "Sobre o narcisismo: uma introdução" (Freud, 1914), mais especificamente quando são analisados os modelos da "vivência de satisfação" e o de "Sua majestade, o bebê". Nestes dois modelos, destaca-se o confronto do sujeito com a alteridade necessária à sua constituição, sendo o processo de subjetivação pensado como uma operação psíquica eminentemente fantasmática, efetivada para fazer frente ao estado de desamparo.

Sob este pano de fundo, a proposta do presente artigo é investigar as funções das figuras do desamparo e da fantasia no mecanismo de constituição subjetiva. Num primeiro momento, voltaremos nosso inte-

resse para a análise do ensaio "O futuro de uma ilusão" (Freud, 1927), que situa a condição de desamparo como o verdadeiro motor da atividade fantasmática. Em seguida, nos debruçaremos sobre um estudo acerca dos modelos da vivência de satisfação e de "Sua majestade, o bebê". Esta discussão, por sua vez, conduzirá a um exame da dimensão propriamente interpretante da atividade fantasmática que, por possibilitar o trabalho de elaboração psíquica de alguns resíduos traumáticos da experiência subjetiva, adquire um papel crucial na dinâmica do processo de subjetivação.

O SUJEITO ANTE O FANTASMA E O DESAMPARO

O vínculo que une a atividade fantasmática à condição de desamparo psíquico é melhor evidenciado em "O futuro de uma ilusão", texto no qual Freud (1927) se volta para uma análise acerca do papel da religião no mundo civilizado e dos fatores que impelem o sujeito a uma aceitação incrédula dos preceitos perpetrados pela figura divina. De acordo com esta nova retomada da questão, o sentimento religioso é mantido e preservado pela condição fundamental de desamparo, que embora possua um protótipo infantil, freqüentemente acomete o ser humano ao longo de sua existência.

A discussão se inicia com a enumeração do montante de sacrifícios que os sujeitos são obrigados a fazer em prol do bem-estar da civilização. Ora, a civilização traria consigo uma série de regulamentos que regem a vida em comunidade, impondo aos sujeitos a renúncia às suas satisfações pulsionais imediatas, sejam elas sexuais ou agressivas.

Deste modo, a cultura é apresentada como o conjunto de relações simbolicamente estruturadas entre os seres humanos — e por eles confeccionadas —, permitindo-lhes a superação das condições da vida animal. Se, porventura, estas leis fossem suspensas, os impulsos hostis à civilização não encontrariam obstáculos para as suas realizações, e a vida em comunidade estaria seriamente ameaçada.

Ainda sob o pano de fundo do antagonismo entre natureza e civilização, é assinalado que esta última abrange todo o saber adquirido pelo homem, ao longo dos tempos, possibilitando o conhecimento objetivo das leis da natureza e o usufruto dos bens por ela fornecidos. Nesta medida, o conhecimento científico teria por função a manipulação da natureza e a predição de possíveis desastres que ponham em risco o bem-estar da humanidade. Entretanto, apesar de circunscrita esta função de coibição, também é exposto que a ciência possui uma série de limitações em seu campo de atuação, levando-nos a constatar que a pretendida coerção das leis naturais é algo impossível de ser efetivado. Assim, sempre que o homem julga ter desenvolvido um domínio pleno sobre a natureza, os perigos desta retornam, seja sob a forma de terremotos, inundações, doenças e, até mesmo, da morte (Freud, 1927). Desta forma, cabe questionar: ante à impossibilidade de dominar as forças da natureza, de modo a compreender as leis que regem seus fenômenos, de quais outros artifícios dispõe o sujeito para salvaguardar-se de seus perigos? Freud intervém com a seguinte resposta:

Das forças e destinos impessoais ninguém pode aproximar-se, permanecem eternamente

distantes. Contudo, se nos elementos se enfurecem paixões da mesma forma que em nossas almas, se a própria morte não for algo espontâneo, mas o ato violento de uma Vontade maligna, se tudo na natureza forem Seres à nossa volta, do mesmo tipo que conhecemos em nossa própria sociedade, então poderemos respirar aliviados, sentir-nos em casa no sobrenatural e lidar com nossa insensata angústia através de meios psíquicos. Talvez ainda nos achemos indefesos, mas não mais desamparadamente paralisados; pelo menos, podemos reagir. (Ibid., p. 25)

É justamente nesta passagem que podemos entrever o elo entre a atividade fantasmática e a condição de desamparo. Com efeito, a condição de terror à qual os seres humanos são entregues quando confrontados com o poder superior da natureza, é caracterizada por Freud (ibid.) como um estado de desamparo propriamente dito; e, frente a ele, nada mais resta aos sujeitos senão produzir algumas teorizações fantasmáticas a respeito do extrato incognoscível do universo. Por meio destas, o sujeito obtém algum consolo e proteção. Em outros termos, mediante o processo de humanização imaginária da morte e da natureza, o sujeito encontra as devidas condições para pensar sobre estes inacessíveis, e assumir uma posição ativa frente a tal estado de coisas (Pereira, 1999). Desta maneira, as fantasias em questão consistem em tentativas do sujeito de elaborar alguns dados da experiência que, até então, se manifestavam como irrepresentáveis. Por conseguinte, Freud (1927) ressalta que até mesmo o mecanismo psíquico que culminou na formulação do conceito abstrato de Deus, por parte dos seres humanos, merece ser vislumbrado como uma construção fantasmática deste tipo: a figura divina

interviria como aquela que, constituída à maneira de um ser humano, governa os fenômenos naturais, exorcizando seus terrores e protegendo-nos das suas crueldades. Neste sentido, as idéias referentes à benevolência de uma entidade superior – encarregada da justiça, dos regulamentos sociais e da assistência ao sofrimento que aflige o ser humano – também são circunscritas enquanto criações fantasísticas da humanidade, erigidas, justamente, para fazer frente ao estado de desamparo inerente às subjetividades. Em si, o processo instigador destes fantasmas acerca das divindades encontra seu protótipo na condição em que uma criança desamparada se volta para as figuras parentais em busca de proteção, sendo o mecanismo psíquico de glorificação da figura divina algo semelhante ao que, outrossa, resultara na idealização dos pais por parte da criança.

A partir da releitura do ensaio em questão, podemos depreender que a noção de desamparo psíquico é tomada em sua radicalidade, recebendo o estatuto metapsicológico de condição necessária ao advento da atividade psíquica. Em contrapartida, a atividade fantasmática é circunscrita como o artifício por meio do qual os sujeitos dispõem para tentar dar conta deste estado fundamental de desamparo. Ou seja, ela se presentifica enquanto um verdadeiro testemunho da atividade psíquica (Enriquez, 1990) adquirindo, na dinâmica de funcionamento do aparato, uma função bastante evidente: é pela produção fantasmática que o sujeito encontra

os devidos meios para tentar significar aquilo que é da ordem do enigmático.

A circunscrição desta função desempenhada pela atividade fantasmática na dinâmica psíquica é, por sua vez, crucial para o entendimento do processo de estruturação subjetiva.

O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO

O pensamento lacaniano deu relevo à formulação de que o sujeito se constitui a partir da ordem simbólica, sendo este domínio remetido ao campo da linguagem, dentro do qual o sujeito será aos poucos inserido, submetendo-se a determinados padrões éticos e culturais (Lacan, 1956). Tratar-se-ia, no universo simbólico, de um mundo de linguagem atravessado por formações discursivas que precedem o nascimento do sujeito e antecipam o seu porvir, moldando-o conforme alguns valores e leis. No processo de subjetivação, o conjunto destes discursos concernentes à ordem simbólica é transmitido à criança pelas figuras parentais.

Com efeito, muito antes do nascimento de uma criança, um lugar já lhe é designado no universo lingüístico dos pais, na medida em que estes depositam em seus filhos determinadas aspirações, anseios ou valores, abrindo o devido espaço para o empreendimento de uma série de processos identificatórios. Tais formações desejanças, que permeiam os discursos dos adultos, funcionam como verdadeiros subsídios por meio dos quais se empreende o trabalho de estruturação subjetiva; daí a proposição lacaniana de que o sujeito advém pelo desejo do Outro¹ (La-

1> Convém destacar que tal formulação lacaniana é bastante complexa. Tendo em vista os limites do presente artigo, não cabe aqui uma exposição minuciosa desta proposição, bem como de suas articulações com alguns conceitos cruciais, tais como o de metáfora paterna (Lacan, 1957-58) e o de objeto *a* (Lacan, 1964).

can, 1964). De acordo com tal concepção, a subjetividade seria fruto dos discursos parentais que, perpassados por uma série de construções fantasmáticas, vêm representar o sujeito, marcando-o profundamente e fornecendo-lhe determinadas características singulares.

Cabe ressaltar que esta argumentação não é de modo algum estranha ao pensamento freudiano, sendo possível encontrar, ao longo de sua obra, uma série de indicações que conduzem a tal conclusão. Talvez a mais conhecida destas exposições é apresentada no ensaio "Sobre o narcisismo: uma introdução", no qual Freud (1914) se volta para a análise de algumas observações e inferências acerca da atitude emocional dos pais para com seus filhos. Sua investigação culmina na postulação de que o comportamento bastante amistoso das figuras parentais conduz à constituição de uma imagem idealizada da criança, situando-a enquanto "Sua majestade, o bebê". Fica marcado com isso que, mediante uma atitude geralmente terna, os pais se encontrariam absortos na compulsão de atribuir às crianças toda a gama de perfeições e, ao mesmo tempo, ocultar suas deficiências e fraquezas. Ademais, eles também reivindicariam para seus filhos o direito a determinados privilégios, facilitando todos os caminhos para que a criança não encontre o menor obstáculo para a realização de seus anseios.

O conjunto destas imagens idealizadas seria sobreposto ao corpo até então fragmentado do infante, tornando possível a unificação das pulsões auto-eróticas no plano egóico. Daí, o mecanismo de fundação do narcisismo primário, formação psíquica estritamente

vinculada à instância denominada de "eu ideal". De fato, é assinalado que a criança se evidencia, nas fantasias parentais, como um refúgio favorável para que eles revivam suas tendências narcisistas há muito abandonadas, sendo os atributos e regalias conferidas à criança verdadeiros privilégios dos quais os próprios pais se privaram ao longo de suas vidas. Nesta medida, Freud (1914) ressalta as dificuldades que o sujeito encontra para renunciar a um prazer outrora desfrutado: quando, com o advento do processo de recalque, ele se vê na obrigação de abrir mão da satisfação de suas aspirações narcísicas, entra em cena um mecanismo psíquico eminentemente fantasmático que visa a recuperação destas tendências recalçadas. Deste modo, a perfeição narcisista dos pais estaria intimamente preservada na esfera fantasmática e deslocada em direção à instauração do "ideal do eu".

São, portanto, os ideais parentais que fornecem os alicerces necessários para o advento do sujeito e, sob este prisma, não cabe considerarmos o processo de subjetivação como o efeito de um discurso meramente entusiasta e que despreza quaisquer formas de consciência crítica. Pelo contrário, devemos reconhecer que o universo fantasístico dos pais encontra-se também subordinado à dimensão simbólica, abrangendo, em seu domínio, os mais variados aspectos que remetem às exigências da lei e da linguagem. Nesta perspectiva, a fantasia merece ser vislumbrada no sentido estrito de uma formação de compromisso: ela se configura como a resultante de um conflito entre, de um lado, um desejo recalçado que almeja ascender à consciência e, de outro, um im-

pulso contrário que tenta suprimi-lo (Freud, 1919).

Podemos igualmente reconhecer um esboço metapsicológico do processo de constituição subjetiva no modelo da vivência de satisfação apresentado no "Projeto para uma psicologia científica". Freud (1895) inicia sua teorização mencionando o exemplo de um recém-nascido que, desamparado, tenta suprimir uma estimulação desprazerosa por intermédio de respostas motoras, como o choro e o agito dos membros. No entanto, é assinalado que tais respostas não produzem o alívio desejado, sobretudo por ainda persistir o estímulo desagradável. Neste caso, a eliminação do desprazer só será obtida mediante a realização de uma ação específica, ou seja, o outro que lhe fornece o alimento. Com o alívio da tensão, se estabelece uma primeira facilitação entre os neurônios que correspondem à lembrança do seio e os que foram informados da descarga pela ação específica. Por conseguinte, o reaparecimento do estado de desejo provoca o surgimento de um impulso que reinveste a lembrança do seio, em virtude do caminho facilitado no sistema neuronal. Neste segundo momento, a satisfação também não é alcançada, pois a situação tem como resultado uma alucinação do seio.

A frustração ocasionada pela via alucinatória promove o advento da organização egóica, cuja função é inibir o caminho regressivo, caso o objeto desejado não se encontre no mundo externo. Assim, por intermédio de uma ação eficaz do eu, entra em cena um conjunto de processos psíquicos mais eficazes, que possibilitam uma descarga mais segura da excitação. Trata-se dos processos

psíquicos secundários que, atrelados às operações de pensamento, buscam o estabelecimento de associações entre as representações já inscritas no aparato. De fato, a partir da primeira intervenção materna, que culminou no empreendimento da ação específica, outras vivências de satisfação serão efetivadas e cada uma delas deixará marcas indeléveis no psiquismo do bebê. Dá-se, portanto, uma complexificação do aparato, mediante a constituição de uma série infindável de caminhos facilitados, esquematizados enquanto trilhamentos neurais. Estes, na medida em que vão se tornando mais numerosos, fornecem o solo propício para o advento de imbricadas redes de representações psíquicas, a serem constantemente reinvestidas pelos processos de pensamento a cada recorrência do estado de desamparo (Freud, 1895).

Com efeito, está implícito no texto de Freud (ibid.) o dinamismo concernente ao processo de assunção da linguagem por parte da criança, pela sua constante interação com as figuras parentais. Segundo este ponto de vista, os pais introduziriam a criança no universo simbólico por intermédio das sucessivas atribuições de sentido para o estado de desamparo no qual o bebê se encontra submerso. Em outros termos, ao responder ao choro do bebê com o fornecimento de algum alimento, por exemplo, a mãe, retroativamente, nomeia de fome o desconforto do filho, ficando descartada a existência de um significado primitivo e oculto por detrás do choro e gestos da criança; pelo contrário, o sentido é erigido pela nomeação e interpretação, por parte dos pais, do desprazer experimentado pelo bebê. Em

suma, estas interpretações propostas pelas figuras parentais possuem, no processo de subjetivação, a mesma função das fantasias emprestadas à criança, acima mencionadas na análise do modelo "Sua majestade, o bebê": elas também fornecem os pontos de apoio necessários para o advento de uma subjetividade na medida em que se configuram como elementos por meio dos quais será empreendido um mecanismo de identificação.

Entretanto, cabe ressaltar que este processo é bem mais complexo e não deve ser circunscrito apenas em referência ao contexto da dimensão alienante do desejo da criança frente às fantasias das figuras parentais. Ou seja, as fantasias depositadas na criança não são de cunho totalmente determinista, como se correspondessem a padrões rígidos com os quais ela se identifica, de modo que toda a produção fantasística posterior do sujeito fosse condenada a configurar-se como uma mera atualização das fantasias parentais. Pelo contrário, para o pensamento psicanalítico, o sujeito que se constitui a partir destes modelos é, em última instância, um sujeito singular, dotado de fantasmatisações e formações desejantes que lhes são próprias. Debrucemo-nos sob este aspecto.

A METÁFORA FANTASMÁTICA

O dinamismo do confronto da criança com as fantasias paternas é marcado por inúmeros volteios, tais como traumatismos, estra-

nhezas e efeitos de surpresa, que ainda não foram devidamente circunscritos. De fato, a inclusão da criança no universo simbólico só se dá ao custo de uma alienação exacerbada, posto que as mensagens advindas do mundo adulto determinam de maneira crucial os desejos do infante, antes mesmo que ele possua os devidos meios para compreendê-las. Sob esta ótica, a constituição subjetiva merece ser vislumbrada, em última instância, como um processo fundamentalmente traumático.

Num contexto específico, Ferenczi (1933) expôs as principais premissas do embate da criança com o universo simbólico: uma confusão de línguas é gerada quando, por exemplo, um infante, provido de uma linguagem eminentemente terna, seduz um adulto que, por sua vez, reage à brincadeira com uma linguagem de paixão. Sendo, neste caso, a diferença entre as línguas bastante evidente, a culpa sentida pelo adulto, após o ato de violência, se manifestaria como algo incompreensível para a criança. Em outros termos, o domínio da paixão remeteria a uma linguagem bastante complexa, da qual o infante não possui o menor entendimento, e, ante este inacessível, a criança reage com um efeito de surpresa, sendo tomada por um afeto de profunda estranheza. A circunscrição metapsicológica deste estranhamento ocasionado pela confusão de línguas pode nos ser bastante útil na medida em que ilustra, de maneira exemplar, os embates da criança com o mundo adulto.²

2> Segundo a visão de Ferenczi (1933), o fator traumático não estaria remetido à cena de sedução, mas a seu desmentido. No entanto, de acordo com Pinheiro (1995), a abordagem ferencziana admite a possibilidade de um trauma ser estruturante ou desestruturante, a depender da capacidade do sujeito de

Cabe também assinalar que não apenas a criança ignora a significação das mensagens transmitidas pelos adultos, mas estes, em parte, também desconhecem o sentido daquilo que enunciam. Ou seja, quaisquer destas mensagens circunscritas, por exemplo, nas relações de cuidados parentais são sempre perpassadas pela atuação de desejos inconscientes e, portanto, desconhecidos para as próprias pessoas que assistem à criança. Se, porventura, o adulto se deparar com o sentido sexual oculto por detrás de suas fantasmatazões ou projeções narcísicas depositadas nos filhos, ele também reagirá com o mesmo sentimento de estranheza ou efeito de surpresa.

Nesta medida, uma pergunta se coloca: de qual maneira estes significantes enigmáticos, enunciados pelos pais no processo de constituição subjetiva, se inscrevem no aparelho psíquico da criança? Com base na discussão acima empreendida, não cabe considerarmos que as fantasias transmitidas pelos pais, no modelo de "Sua majestade, o bebê" ou as interpretações fornecidas para o choro ou gestos musculares da criança se inscrevem no psiquismo do infante como representações já portadoras de um sentido. Pelo contrário, pressupondo que a criança não obtém a compreensão exata das mensagens emitidas pelos adultos, restaria a elas o destino de permanecerem enraizadas no psiquismo do infante como verdadeiros corpos estranhos (Laplanche, 1988): inscrições mnêmicas caóticas e não articuladas

umas às outras na forma de uma trama de significações, dizendo respeito a marcas psíquicas de imagens sensoriais diversas, ligadas a sensações corporais localizadas e a experiências perceptivas (Perron-Borelli, 1997). Tratar-se-ia, em outros termos, de uma inscrição psíquica de natureza semelhante ao do registro mnêmico designado por Freud (1896), na "Carta 52", pelo termo "signos de percepção".

Os signos de percepção configuram-se como resíduos da atividade psíquica, estruturas dissociadas que se perpetuam no aparato, na forma de uma escritura elementar, permanecendo nestas condições até a consecução de uma operação de tradução psíquica (Braunstein, 1990). Este procedimento – esquematizado na "Carta 52" (Freud, 1896) pela retranscrição mnêmica que faz erigir os registros da "inconsciência" e da "pré-consciência" – terá por função inserir estes corpos estranhos numa rede significante complexa. Assim, efetivada a operação de tradução, os diversos signos de percepção são nomeados e reagrupados na forma de uma narrativa, de modo que eles possam circular por entre os meandros da trama de significações. O trabalho de elaboração psíquica dos resíduos traumáticos resulta, por sua vez, na construção de uma fantasia (Perron-Borelli, 1997).

Nos termos do "Projeto para uma psicologia científica" (Freud, 1895), a constituição desta rede fantasmática corresponderia à montagem do circuito neuronal de facilitações,

integrá-lo ou não no aparelho psíquico. No caso da ausência do desmentido, o trauma seria considerado como algo estruturante, posto que, conforme o desenvolvimento de nossa análise, ele promoverá uma reorganização psíquica e o advento de um processo identificatório.

permanentemente reinvestido pelas operações de pensamento, sempre que o estado de desamparo retorna. Por este viés, a cadeia fantasística consistiria na reunião de antigas facilitações, outrora inscritas no psiquismo do bebê a partir dos mais variados encontros com o mundo adulto, sendo o advento destas imbricadas tramas de facilitações, algo que se forma à medida que o sujeito obtém êxito em significar as mensagens enigmáticas emitidas pelos adultos. Assim, destacamos que, por meio desta operação de significatização, o sentido das mensagens em questão, num primeiro momento atrelado às fantasias parentais é, em parte, corrompido e, em seu lugar, advém uma nova significação, agora vinculada às fantasmaticizações do próprio infante. Desta maneira, para sua constituição, é necessário ao sujeito se apoderar destes corpos estranhos, pervertendo-os e reinterpretando-os.

Temos, neste caso, a consecução de uma operação eminentemente metafórica posto que, segundo as palavras de Lacan (1957-1958), o sujeito vai "tomar um elemento no lugar onde ele se encontra e substituí-lo por outro" (p. 103). Com efeito, os processos metafóricos são estritamente vinculados à possibilidade do sujeito, por intermédio de suas fantasmaticizações, mediatizar as formações desejantes das figuras parentais e empreender um trabalho de simbolização das mensagens que lhes são perpetradas. Por meio destas inúmeras e constantes operações metafóricas, um processo de subjetivação vai sendo empreendido. Em suma, é com este novo sentido fornecido para os desejos parentais a partir de suas próprias

fantasias que a criança vai se identificar. Os fantasmas de Hanold acerca da estátua da Gradiva, por exemplo, ilustram de maneira bastante elucidativa este procedimento de produção fantasmática a partir de um determinado signo enigmático. O conto de Jensen (1903) se inicia com o arqueólogo surpreendido pela graciosidade de uma moça representada numa escultura de gesso. Siderado ante a beleza de seu andar, ele se põe a arquitetar as mais diversas fantasias a respeito de como teria sido a vida da jovem. Num primeiro momento, dá-lhe o nome de Gradiva, que significa "a jovem que avança"; em seguida, acreditando ver traços helênicos em sua fisionomia, concede-lhe a origem grega; por fim, mediante a dificuldade de situar os traços da moça no cotidiano agitado da capital, deduz que, apesar de sua origem grega, ela deve ter morado na cidade de Pompéia. Em suma, o conto se desenvolve com a enunciação dos fantasmas e sonhos de Hanold, todos eles construídos a partir da situação de estranhamento e surpresa ocasionada pela percepção do andar da moça. Quando, no desfecho do conto, o arqueólogo descobre que Gradiva era, na verdade, sua amiga de infância Zoe Bertgang, o leitor compreende que todos os devaneios em questão remetiam ao acervo de impressões recalçadas de Hanold. Assim, em sua interpretação para o romance, Freud (1907) destaca que Zoe é um nome helênico; daí, a fantasia de que Gradiva deveria ser grega. O próprio nome Gradiva, por sua vez, seria uma tradução do sobrenome Bertgang, que significa "alguém que brilha ao avançar". Quanto à fantasia da jovem ter habitado em Pompéia, uma analogia é circunscrita entre

o soterramento da cidade e o recalçamento da amizade entre os dois personagens do conto. Trata-se, de acordo com a análise freudiana, de assinalar que tais fantasmatisações seriam sobredeterminadas e expressariam, de modo disfarçado, os impulsos desejantes inconscientes do arqueólogo.

Ao colocarmos o acento metapsicológico no signo enigmático instigador destas produções fantasísticas — no caso, o andar de Gradiva —, podemos também depreender que elas se configuram enquanto frutos do amplo trabalho de elaboração psíquica deste elemento estranho e peculiar que tanto desconcertara o arqueólogo no instante da visão da estátua. De acordo com tal encaminamento, a atividade fantasística é privilegiada em sua finalidade de atribuição de algum sentido para determinados signos, frente aos quais o sujeito reage com um efeito de estranheza ou efeito de surpresa. Sobressai-se, assim, a dimensão eminentemente interpretante da figura da fantasia e, por este viés, os devaneios em questão merecem ser examinados como tentativas do arquiteto de proporcionar algumas explicações para as características enigmáticas presentes na escultura.

Sob esta ótica, circunscrevendo a situação de estranhamento de Hanold diante da estátua como uma condição de desamparo propriamente dita — posto que, nesta ocasião, ele fora presa de um transbordamento afetivo devido à impossibilidade de simbolização dos signos emitidos pela obra de arte —, proponho recuperar a proposição acima circunscrita, a que situava o desamparo psíquico, como a força motriz das produções fantasísticas. Nesta medida, caberia à

atividade fantasmática o papel de significatizar alguns elementos inapreensíveis e, portanto, traumatizantes com os quais o sujeito se defronta: mediante o procedimento de integração destes signos numa narrativa fantasística, um sentido para eles é atribuído, sendo possível ao sujeito elaborar o estado de desamparo.

Esta mesma função da atividade fantasmática pode ser igualmente vislumbrada em outros ensaios da obra freudiana, tais como "Romances familiares" (Freud, 1909) e "Sobre as teorias sexuais das crianças" (Freud, 1908). No primeiro caso, a ênfase recai no desmoroamento das idealizações, por parte do sujeito, das figuras parentais. Desamparado, ao sentir-se negligenciado e desprovido dos amores dos pais, o sujeito se põe a elaborar os mais variados devaneios referentes à sua condição familiar. Tais fantasmas girariam em torno da temática da adoção, sendo possível ao sujeito, por este viés, fornecer algum sentido para a diminuição da estima de seus pais: como ele fora adotado quando criança, pertence na verdade a outra família e, por isso, não é digno de carinho algum (Freud, 1909).

Já no contexto das teorizações sexuais infantis, a condição de desamparo, à qual a criança é entregue, é associada às suspeitas de que a possível vinda de um irmão poderá trazer conseqüências irreversíveis para o seu narcisismo. Trata-se, em outros termos, de um estado de desamparo associado à quebra de ideais e ao pressentimento de possíveis admoestações. Para fazer frente a tal estado, a atividade imaginativa da criança é acionada, e ela se põe a empreender algumas tentativas de solucionar os grandes

enigmas concernentes à esfera da sexualidade, objetivando responder à questão da origem dos bebês. Assim, abre-se o devido espaço para a entrada em cena de uma série de fantasmatisações referentes à universalidade do pênis, à concepção sádica do coito e ao fato das crianças saírem do corpo da mãe através do orifício anal. De acordo com Freud (1908), estas produções fantásticas, apesar de falsas e incompatíveis com a realidade, possibilitam à criança atingir alguns progressos em seus esforços para o entendimento dos enigmas referentes à origem do sujeito. Em suas palavras, embora estas teorias "cometam equívocos grosseiros, (...) se assemelham às tentativas dos adultos (...) para decifrar os problemas do universo que são tão complexos para compreensão humana" (p. 195).

Assim, de acordo com o encaminhamento proposto no presente artigo, o procedimento de estruturação subjetiva merece ser configurado como uma operação eminentemente fantástica, realizada justamente para fazer frente à condição de desamparo. Este último estaria vinculado ao traumatismo ocasionado pela impossibilidade da criança assimilar as mensagens emitidas pelos adultos que a assistem. A atividade fantasmática, por sua vez, teria por função servir de mola mestra para o trabalho de elaboração psíquica destes resíduos enigmáticos, orientando o processo de articulação e metabolização do traumatismo e promovendo o advento de um novo sentido para aquilo que vem do outro.

Deste modo, mediante o processo de nomeação destes resíduos traumáticos pela criança, estabelece-se o advento de uma

singularidade. De fato, o procedimento em questão não deve ser, de modo algum, entendido por um viés totalmente determinista, como se a única saída para a criança fosse alienar-se nas fantasias dos pais. Pelo contrário, as mensagens dos adultos, inscritas no psiquismo do infante à maneira de corpos estranhos, funcionam como pontos de apoio para o sujeito construir uma identidade singular, através do sentido que ela própria vai estabelecer para as fantasmatisações das figuras parentais.

REFERÊNCIAS

BRAUNSTEIN, Nestor. *La jouissance: un concept lacanien*. Paris: Point Hors Ligne, 1990.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FERENCZI, Sándor. (1933). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In: *Obras completas – Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-106.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. 24 vols.

_____. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. I.

_____. (1896). Carta 52. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. I.

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. IV e V.

_____. (1907). Delírios e sonhos na "Gradiva"

de Jensen. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. IX.

_____. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. IX.

_____. (1909). Romances familiares. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. IX.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. XIV.

_____. (1917). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. XVII.

_____. (1919). "Uma criança é espancada": uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. XVII.

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edi-*

ção Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v. XXI.

JENSEN, Wilhelm (1903). *Gradiva: uma fantasia pompeiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LACAN, Jacques (1956). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 461-95.

_____. (1957-1958). *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. (1964). *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean. Traumatismo, tradução, transferência e outros trans(es). In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 84-96.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 1999.

PERRON-BORELLI, Michèle. *Dynamique du fantasme*. Paris: PUF, 1997.

PINHEIRO, Teresa. *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Editora UFRJ, 1995.

Artigo recebido em setembro de 2004

Aprovado para publicação em outubro de 2005